



Since January 2020 Elsevier has created a COVID-19 resource centre with free information in English and Mandarin on the novel coronavirus COVID-19. The COVID-19 resource centre is hosted on Elsevier Connect, the company's public news and information website.

Elsevier hereby grants permission to make all its COVID-19-related research that is available on the COVID-19 resource centre - including this research content - immediately available in PubMed Central and other publicly funded repositories, such as the WHO COVID database with rights for unrestricted research re-use and analyses in any form or by any means with acknowledgement of the original source. These permissions are granted for free by Elsevier for as long as the COVID-19 resource centre remains active.

por ensaio de viabilidade celular (MTT) e redução de biomassa (retenção de cristal violeta).

Resultados: Todos os CRABs eram resistentes à gentamicina e ampicilina / sulbactam. Sinergia em checkerboard ocorreu em 75%. Meropenem + ampicilina / sulbactam foi a combinação mais frequente com sinergismo (69%), seguido de ampicilina / sulbactam + gentamicina (64%) e meropenem + gentamicina (51%). Todas as combinações apresentaram apenas atividade bacteriostática, sem efeito bactericida ou anti-biofilme. No entanto, o sinergismo avaliado com TKC mostrou uma potente atividade de meropenem + gentamicina em um teste isolado com uma redução de carga bacteriana superior a 2log em duas horas, mas com crescimento a partir de 24h. O teste de rotina laboratorial apresenta 100% de acurácia com os demais ensaios in vitro.

Conclusões: Nosso estudo demonstrou um papel potencial das combinações para as bactérias planctônicas. O sinergismo in vitro é possível e pode ser uma alternativa de tratamento em pacientes com infecção por CRAB durante uma escassez de polimixina. No entanto, as combinações de antibióticos analisados não foram bactericidas, mas podem ser uma alternativa em infecções com baixas cargas bacterianas.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.101708>

ÁREA: COVID-19

AO 6

CORRELAÇÃO CLÍNICA COM REATIVIDADE IMUNE APÓS INFECÇÃO LEVE A MODERADA POR COVID-19 EM UMA COORTE DE TRABALHADORES DA SAÚDE

Maria da Penha Gomes Gouvea,
Isac Ribeiro Moulaz, Thayná Martins Gouveia,
Karen Evelin Monlevade Lança,
Barbara Sthefany de Paula Lacerda,
Beatriz Paoli Thompson, José Geraldo Mill,
Valéria Valim

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES),
Vitória, ES, Brasil

Introdução: Ainda não é completamente conhecido como a gravidade do quadro clínico da doença por coronavírus 2019 (COVID-19) se correlaciona com a resposta imune. O objetivo deste estudo foi monitorar os sintomas, a produção de anticorpos e a função pulmonar em uma coorte de profissionais de saúde por seis meses.

Métodos: Estudo longitudinal observacional de 69 trabalhadores da saúde do Hospital Universitário da Universidade Federal do Espírito Santo (HUCAM-UFES/EBSERH) com diagnóstico de infecção por SARS-CoV-2 confirmado por RT-PCR. Análises de sorologia de anticorpos IgG e IgM, função pulmonar por espirometria e evolução clínica dos pacientes foram feitas periodicamente aos 15, 30, 45, 60, 90 e ao longo de 180 dias após o início dos sintomas para COVID-19.

Resultados: 69 profissionais de saúde, 40 (\pm 10) anos, 74% mulheres, com COVID-19 leve a moderada, foram

acompanhados por 6 meses. A maioria (78,77%) tinha comorbidade e 21,74% usavam pelo menos um medicamento para doença crônica: 9 (12,3%) hipertensão, 2 (2,7%) diabetes tipo 2, 25 (36,23%) sobrepeso e 19 (27,54%) obesidade, 17,7% eram fumantes, 56,5% sedentários. O número médio de sintomas foi de 5,1 (\pm 2,3). Os sintomas iniciais mais comuns foram dor muscular (77%), cefaleia (75%), anosmia (70%), ageusia (64%), coriza (59%), febre (52%), tosse (52%). Após 30 dias, os pacientes mantiveram anosmia (18%), astenia (18%), adinamia (14%), dores musculares (7%) e ageusia (7%). Em relação à função pulmonar, 9,25% apresentaram padrão obstrutivo e todos se recuperaram após 6 meses. A curva de sorologia IgG mostrou pico no 30º dia com valor médio de 3,25 mEq/mL, enquanto IgM teve o maior valor médio no 15º dia (7,2mEq/dL) e uma diminuição contínua nas avaliações após. De todos os participantes analisados, 18/69 (26%) não apresentaram nenhum valor reativo de IgG ou IgM em nenhuma das avaliações. Apenas 15/53 (28%) permaneceram com IgG reativa após 6 meses. Aqueles que apresentavam dor de garganta tinham 5,4 vezes mais probabilidade de apresentar IgG reativo no 180º dia, falta de ar tiveram chances aumentadas em 6 vezes. Pacientes com diarréia tinham 4 vezes mais probabilidade de ter um IgM reativo.

Conclusão: Nossos achados mostram que 26% dos pacientes não apresentam formação de anticorpos pós COVID-19 leve a moderado e que apenas 28% mantêm anticorpos Ig-G reativos após 6 meses. Dor de garganta e falta de ar se associaram com 5 e 6 vezes maior chance de manter anticorpos Ig-G reativos após 6 meses.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.101709>

AO 7

DETECÇÃO DE MUTAÇÕES DEFINIDORAS DE LINHAGEM NAS VARIANTES ALFA E GAMA DE SARS-COV-2 UTILIZANDO A TÉCNICA DE AMPLIFICAÇÃO ISOTÉRMICA RT-LAMP

Carlos Abelardo dos Santos ^a,
Lívia do Carmo Silva ^a,
Marcio Neres de Souza Júnior ^b,
Geovana de Melo Mendes ^b,
Juliana Santana de Curcio ^a,
Paulo Felipe Neves Estrela ^b,
Kézia Gomes de Oliveira ^b,
Gabriela Rodrigues Mendes Duarte ^b,
Elisângela de Paula Silveira-Lacerda ^a

^a Unidade Sentinela e Centro de Referência em Medicina Internacional e de Viagens (USCREMIVI), Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, GO, Brasil

^b Instituto de Química, Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, GO, Brasil

Introdução: As Variantes de preocupação (VOC - Variants of Concern) são variantes do vírus SARS-CoV-2 que possuem uma maior capacidade de infecção, algum nível de escape de anticorpos, diminuição na eficácia de tratamentos e/ou possível impacto nos métodos de diagnóstico. Estas variantes